

O rádio em transição: A migração AM-FM das rádios de brusque-sc no contexto da convergência midiática

Nicole Zanon Basílio

Especialista em Gestão de Empresas de Radiodifusão
Instituição: Centro Universitário Internacional (UNINTER)
E-mail: nicolezanonn@gmail.com.
ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-7525-6885>

Rodrigo Gonçalves Basílio

Especialista em Investigação, Constituição e Direito de Defesa
Instituição: Universidade Anhanguera – Uniderp (UNIDERP)
E-mail: rgbasilio04@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-9365-766X>

RESUMO

Este artigo investiga as transformações ocorridas na radiodifusão comercial do município de Brusque-SC com a migração das emissoras da faixa AM para FM. A transição, concluída pelas emissoras em 2022, insere-se na Política Nacional de Modernização da Radiodifusão Sonora, regulamentada pelo Decreto nº 8.139/2013, que visa aprimorar a qualidade técnica das transmissões e fortalecer a competitividade das rádios regionais. Adotando uma abordagem qualitativa, a pesquisa estrutura-se como estudo de caso e baseia-se em pesquisa documental, observação sistemática e entrevistas semiestruturadas realizadas com gestores das duas rádios comerciais da cidade que participaram do processo de migração: Rádio Araguaia e Rádio Cidade. A análise abrange o período de 2021 a 2025, focalizando os impactos da migração sobre aspectos técnicos, editoriais e identitários. Os resultados revelam que a mudança de faixa não apenas elevou o padrão técnico das emissoras, como também impulsionou estratégias de presença digital e reconfigurações na estética sonora e na relação com os ouvintes. O estudo conclui que as rádios brusquenses souberam adaptar-se às lógicas da convergência midiática, conciliando inovação tecnológica com a preservação de vínculos comunitários e da identidade local.

Palavras-chave: Rádio. Migração AM-FM. Convergência Midiática. Brusque-SC.

1 INTRODUÇÃO

O rádio, mesmo após mais de um século de presença no Brasil, permanece como um dos meios de comunicação mais resilientes, acessíveis e enraizados na cultura popular. Ao longo das décadas, reinventou-se diante de sucessivas transformações tecnológicas, econômicas e comportamentais, mantendo sua relevância como canal de informação, entretenimento e diálogo comunitário, sobretudo em contextos regionais.

A transição das emissoras da faixa AM para FM foi viabilizada pelo Decreto nº 8.139/2013, que autorizou a adaptação das outorgas e impulsionou a modernização do setor. No estado de Santa Catarina, diversas emissoras aderiram ao processo. Em Brusque, no Vale do Itajaí, duas rádios comerciais passaram pela migração: Rádio Araguaia e Rádio Cidade. Em 2021, o cenário local reunia quatro emissoras

comerciais (Araguaia, Cidade, Diplomata e Massa) e, em 2023, todas já operavam em FM, consolidando um novo arranjo técnico-editorial e práticas mais alinhadas à convergência midiática.

Desse modo, o estudo analisa os desdobramentos da conversão do AM para o FM em Brusque-SC, no período de 2021 a 2025, com ênfase nas transformações técnicas, editoriais, identitárias e digitais nas duas emissoras que efetuaram a migração. A análise concentra-se nas reconfigurações nos modos de produção de conteúdo, no perfil de audiência e nas estratégias de inserção digital adotadas localmente.

Diante desse contexto, a pesquisa busca responder à seguinte pergunta: quais foram os impactos e as transformações decorrentes da migração do AM para o FM nas emissoras comerciais de Brusque-SC, entre 2021 e 2025, considerando aspectos técnicos, editoriais, identitários e digitais? As discussões organizam-se em blocos temáticos que articulam dimensões históricas, técnicas e simbólicas da radiodifusão, visando contribuir para a compreensão da capacidade de adaptação do rádio regional às exigências de um ecossistema cada vez mais multiplataforma.

Assim, compreender o papel social e as transformações do rádio no contexto da convergência midiática torna-se fundamental para analisar o processo de migração AM-FM das emissoras de Brusque, tema abordado no tópico seguinte.

2 EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA RADIODIFUSÃO NO BRASIL

A primeira transmissão radiofônica no Brasil ocorreu em 7 de setembro de 1922, durante as comemorações do centenário da Independência, com a irradiação do discurso do então presidente Epitácio Pessoa. A transmissão foi realizada a partir do Rio de Janeiro e captada por 80 receptores importados, instalados no Alto do Corcovado (Ortriwano, 2003). Essa demonstração técnica, financiada pelas empresas norte-americanas Westinghouse International e Western Electric Company, visava promover seus equipamentos de radiotelegrafia, radiotelefonia e radiocomunicação junto ao Ministério de Viação e Obras Públicas (Ferrareto, 2014).

Apesar de seu caráter pontual, a experiência despertou o interesse de setores privados nas novas possibilidades da comunicação sonora. Entre os entusiastas estava o antropólogo Edgar Roquette-Pinto, que, ao lado do cientista Henrique Morize, fundou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro em 30 de abril de 1923, oficialmente identificada como PRA-2 e considerada a primeira emissora regular do país. As transmissões contínuas, entretanto, tiveram início em 1º de maio daquele ano, marco consolidado da radiodifusão brasileira (Ortriwano, 2003). Com forte caráter educativo e cultural, a emissora foi concebida como um instrumento de inclusão social, em uma época em que o analfabetismo atingia 65% da população, conforme dados do censo demográfico da década de 1920 (Ministério Das Comunicações, 2022).

Roquette-Pinto resistiu sistematicamente à transformação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro em uma emissora comercial, prática que se generalizou entre as rádios brasileiras após a legalização da

publicidade radiofônica e optou por transferir a titularidade da emissora ao Estado, sob a condição de que fossem mantidos seus princípios fundadores, centrados na difusão de conteúdos culturais e educativos. O governo federal, por intermédio do Ministério da Educação e Saúde (MES), aceitou a doação, instituindo a Rádio Ministério da Educação. A formalização da iniciativa ocorreu em janeiro de 1937, por meio da Lei nº 378, cujo artigo 50 estabeleceu o Serviço de Radiodifusão Educativa (SRE), com a finalidade de assegurar, de forma permanente, a veiculação de conteúdos de natureza educativa (Milanez, 2007).

Embora a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro seja amplamente reconhecida como a primeira emissora oficial do país (Barbosa, 2013; Ferrareto, 2014; Ortriwano, 2003), a Rádio Clube de Pernambuco também reivindica esse título. Fundada em 1919, iniciou suas transmissões em fevereiro de 1923, antecedendo em três meses a inauguração da Rádio Sociedade. Segundo Ferrareto (2014), entretanto, as emissões da rádio pernambucana utilizavam estações amadoras, cuja operação era considerada ilegal pela legislação da época. Por essa razão, a trajetória do rádio no Brasil costuma ser atribuída a Roquette-Pinto e à Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que operava dentro dos marcos legais estabelecidos.

A expansão do rádio no Brasil ocorreu de forma acelerada nas décadas que se seguiram à sua introdução, consolidando-o como o principal meio de comunicação de massa no país durante a primeira metade do século XX — período consagrado como a chamada “Era de Ouro” da radiofonia brasileira. Um marco emblemático desse processo foi a encampação da Rádio Nacional do Rio de Janeiro pelo governo de Getúlio Vargas, em 1940. Após sua estatização, a emissora — que já contava com ampla estrutura e expressiva audiência — manteve o modelo comercial de funcionamento. Paradoxalmente, embora sob controle estatal, a Rádio Nacional tornou-se a principal referência do rádio privado nacional, assumindo o papel de rádio padrão do país e reinando com absoluto prestígio durante a Época de Ouro do rádio brasileiro (Zuculoto, 2011).

O surgimento da televisão em 1950 representou uma ruptura no cenário da comunicação brasileira, ameaçando a hegemonia até então exercida pelo rádio. A nova tecnologia atraiu investimentos e publicidade, reduzindo significativamente as receitas das emissoras radiofônicas (Prata, 2008). Inicialmente, a TV adotou formatos já consagrados no rádio, reproduzindo sua estrutura e linguagem como forma de garantir eficácia comunicativa. Apesar desse impacto, o rádio passou por adaptações importantes que contribuíram para sua permanência como meio de comunicação relevante. A introdução do transistor, por exemplo, permitiu maior mobilidade e consumo individualizado da mídia, ao substituir as volumosas válvulas e permitir o uso de pilhas nos aparelhos (Ferrareto, 2007; Lopez, 2009). Essa mobilidade fez com que o rádio deixasse de ser um entretenimento centralizado no ambiente doméstico, passando a acompanhar o ouvinte em seu cotidiano.

A partir dessa breve evolução histórica, é possível perceber que o meio manteve sua relevância justamente por sua notável capacidade de adaptação às transformações sociais, políticas e tecnológicas. Mesmo com o surgimento de novos meios, como a televisão e a internet, além das plataformas de streaming

já no século XXI, o rádio soube preservar sua essência enquanto ferramenta de proximidade, flexibilidade e presença cotidiana.

2.1 O RÁDIO NA ERA DIGITAL: CONVERGÊNCIA E REINVENÇÃO

Nas últimas décadas, o rádio se manteve como um dos veículos de comunicação mais utilizados pelos brasileiros, graças à sua portabilidade, à proximidade com o público e ao baixo custo dos receptores (Magnoni; Miranda, 2012). No entanto, apesar de alcançar grandes audiências, o rádio convive com receitas publicitárias modestas e consideráveis limitações estruturais, a exemplo de redes fragmentadas, barreiras regulatórias e dificuldade de competir com mídias digitais mais dinâmicas (Magnoni; Miranda, 2012). A transição tecnológica exige modernização dos estúdios, adaptação das linguagens e redefinição das estratégias editoriais para garantir sua continuidade e adequação aos desafios impostos pelo ambiente midiático contemporâneo (Magnoni; Miranda, 2012).

A compreensão dessas transformações necessárias é aprofundada a partir do conceito de convergência midiática, desenvolvido por Jenkins (2008). O autor argumenta que a convergência diz respeito à circulação de conteúdos por diferentes plataformas, à cooperação entre setores da indústria midiática e à participação ativa dos consumidores. Jenkins (2008) exemplifica como um conteúdo musical pode ser acessado por diferentes canais — rádio do carro, smartphones, TV a cabo, estações de rádio na internet —, mostrando que a experiência sonora se fragmenta e se expande por uma lógica de consumo conectada e descentralizada. Conforme o autor, esse processo transforma o papel dos meios e reposiciona os públicos, que passam a atuar como sujeitos participativos na construção das narrativas e no consumo dos conteúdos.

De acordo com De Farias e Zuculoto (2017), a incorporação de novas tecnologias no ecossistema radiofônico tem exigido das emissoras uma contínua adaptação às dinâmicas digitais emergentes. O rádio contemporâneo se projeta para além das transmissões convencionais, operando em múltiplas plataformas que incluem aplicativos para dispositivos móveis, ambientes digitais e canais simultâneos em AM e FM. Essas transformações, segundo as autoras, representam uma nova etapa evolutiva do meio, marcada por avanços técnicos e mudanças nas práticas de escuta, sobretudo no rádio AM, que busca se reposicionar diante das exigências do público conectado. Nesse contexto, ganha relevância o conceito de “rádio expandido”, formulado por Kischinhevsky (2016), o qual reconhece a migração do rádio para ambientes como redes sociais, celulares e plataformas digitais, redesenhando os contornos da experiência sonora no século XXI.

Convém salientar que a necessidade de reinvenção do rádio diante do cenário digital não se limita às inovações tecnológicas ou à convergência midiática, mas também se manifesta nos movimentos institucionais e regulatórios que moldaram o setor nos últimos anos. Um exemplo emblemático é o processo

de migração das emissoras AM para a faixa FM, política pública que buscou revitalizar o segmento e garantir sua sobrevivência diante das transformações técnicas e das exigências do público. O consumo radiofônico, antes centrado no tradicional radinho à pilha, passa a ocorrer em uma variedade de dispositivos digitais, como smartphones e computadores, o que exige das emissoras maior capacidade de adaptação às novas dinâmicas de escuta (De Farias; Zuculoto, 2017).

A escuta se dá em AM/FM, ondas curtas e tropicais, mas também em telefones celulares, tocadores multimídia, computadores, notebooks, tablets; pode ocorrer ao vivo (no dial ou via streaming) ou sob demanda (podcasting ou através de busca de arquivos em diretórios). A escuta se dá em múltiplos ambientes e temporalidades, graças a tecnologias digitais que franqueiam também a produção, a edição e a veiculação de áudios a atores sociais antes privados do acesso a meios próprios de comunicação (Kischinhevsky, 2016).

Desse modo, a migração para o FM não apenas proporciona melhorias na qualidade técnica das transmissões, como também permite transformações significativas nos formatos de programação e na identidade das emissoras, que foram levadas a ressignificar seu papel nas comunidades e no mercado. Trata-se, portanto, de um movimento que ultrapassa a dimensão técnica e se consolida como parte do esforço contínuo de modernização e reinvenção do rádio no Brasil (De Farias; Zuculoto, 2017).

2.2 SISTEMAS AM E FM: SEGMENTAÇÕES TÉCNICAS E EDITORIAIS

Para compreender as distinções entre os sistemas de transmissão AM (Amplitude Modulada) e FM (Frequência Modulada), é necessário considerar dois eixos fundamentais: o técnico e o editorial. As segmentações técnicas dizem respeito às diferenças operacionais entre os dois espectros, como frequência de operação, qualidade sonora, alcance territorial e suscetibilidade a interferências. De modo geral, o sistema AM apresenta maior abrangência geográfica, especialmente em áreas remotas e durante o período noturno, embora seja mais suscetível a interferências eletromagnéticas. Já o FM, apesar do alcance territorial mais limitado, proporciona qualidade sonora superior, o que contribuiu para sua consolidação como preferido do grande público ao longo das últimas décadas (De Farias; Zuculoto, 2017).

O rádio AM é marcado por uma linguagem intimista, voltada ao companheirismo e à proximidade com o ouvinte. Essa característica, que o define como “rádio amigo”, remonta à concepção de Edgar Roquette-Pinto, que considerava o rádio “o divertimento gratuito do pobre; o animador de novas esperanças; o consolador do enfermo e o guia dos sãos” (Tavares, 1997). No que se refere à programação, o rádio AM se consolidou como território do radiojornalismo e da prestação de serviços à comunidade. Esse caráter informativo é destacado por Cyro César (2000), ao reconhecer que a essência das Ondas Médias reside justamente na centralidade da informação e no compromisso com o ouvinte.

Quanto à publicidade das rádios AM, é comum o uso de testemunhais, com propagandas lidas ao vivo pelos próprios comunicadores, apostando na credibilidade desses profissionais como influenciadores

de consumo. Os anunciantes, nesse caso, são geralmente do comércio local e regional (De Farias; Zuculoto, 2017).

Em contraste, o FM apresenta, historicamente, uma proposta voltada ao entretenimento musical, com inspiração nas rádios norte-americanas, adotando uma linguagem mais descontraída, uso de vinhetas musicalizadas e foco em públicos segmentados, especialmente o jovem (Ferraretto, 2001 apud De Farias; Zuculoto, 2017). Além disso, observa-se uma diferenciação quanto à forma de segmentação de público. Enquanto o AM costuma especializar-se por faixas horárias e perfis de ouvintes, o FM estrutura-se por nichos de mercado — como pop, sertanejo, adulto-contemporâneo, all news — evidenciando uma lógica comercial mais refinada e direcionada (Ortriwano, 1985 apud De Farias; Zuculoto, 2017).

As práticas de produção e operação também se distinguem. Em rádios AM, geralmente há um conjunto de profissionais divididos entre locução, operação técnica e produção, muitas vezes em espaços físicos separados por isolamento acústico, como nos chamados estúdios em “aquário”. Já no FM, especialmente nas emissoras musicais, o comunicador costuma acumular múltiplas funções, operando microfone e softwares de automação e edição de forma autônoma, o que resulta em quadros funcionais mais enxutos (De Farias; Zuculoto, 2017).

Durante décadas, essas segmentações técnicas e editoriais estabeleceram uma separação entre os dois formatos: de um lado, o AM, com foco no jornalismo e no serviço à comunidade; do outro, o FM, centrado na música e no entretenimento (De Farias; Zuculoto, 2017). No entanto, esse cenário vem se transformando com o avanço da migração das emissoras AM para a faixa FM, promovendo uma reorganização do conteúdo e exigindo adaptações tanto técnicas quanto editoriais. Trata-se, portanto, de uma convergência que poderá redefinir o futuro da radiodifusão brasileira.

2.3 A POLÍTICA NACIONAL DE MIGRAÇÃO DO AM PARA O FM

No dia 7 de novembro de 2013, “Dia do Radialista”, foi publicado o Decreto nº 8.139, que trata da extinção do serviço de radiodifusão sonora em ondas médias de caráter local e da adaptação das outorgas vigentes para a execução desse serviço. A partir dele e da Portaria nº 127, de 12 de março de 2014, do então Ministério das Comunicações, diversas rádios do país iniciaram o processo de migração das transmissões de Amplitude Modulada (AM) para Frequência Modulada (FM). A iniciativa foi articulada por entidades representativas do setor, como a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT), com apoio técnico de associações estaduais de radiodifusão (ABERT, 2025).

A migração das emissoras de rádio do serviço de amplitude modulada (AM) para a frequência modulada (FM) no Brasil foi oficializada por meio do Decreto nº 8.139, de 7 de novembro de 2013, que autorizou e regulamentou o processo. Conforme a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão, a medida foi concebida como resposta às dificuldades enfrentadas pelas emissoras em ondas médias, cujas

transmissões tornaram-se progressivamente inviáveis devido às interferências eletromagnéticas e aos ruídos ambientais, especialmente em áreas urbanas densamente povoadas (ABERT, 2023).

A mudança permitiu uma significativa melhoria na qualidade sonora, maior estabilidade na transmissão e a recepção por dispositivos móveis, como telefones celulares, o que gerou incremento imediato na audiência e no faturamento das rádios migradas (ABERT, 2023). Além de ampliar a competitividade do setor, o principal objetivo da política foi garantir a sustentabilidade das pequenas emissoras, cuja continuidade estava ameaçada. Ainda segundo a Associação, a adaptação das outorgas para a faixa FM configura-se como um caso exitoso de política pública voltada à preservação e ao fortalecimento da radiodifusão local.

2.3.1 Histórico da migração

O processo de transição do serviço de radiodifusão de ondas médias para frequência modulada teve início formal em maio de 2010, com a publicação, pela Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), de um estudo técnico sobre a viabilidade da migração no estado de Santa Catarina. Em junho de 2011, a ABERT, juntamente com representantes das associações estaduais de radiodifusão, manifestou apoio unânime à proposta de destinação dos canais 5 e 6 da televisão analógica para a operação das rádios AM em todo o território nacional (ABERT, 2023).

O Ministério das Comunicações, sob a gestão de Paulo Bernardo, anunciou em 2012, durante o 26º Congresso Brasileiro de Radiodifusão, o início dos estudos técnicos e regulatórios para viabilizar a migração. Em setembro de 2013, a proposta foi remetida à análise da Casa Civil, culminando na assinatura, pela então presidente Dilma Rousseff, do Decreto nº 8.139, em 7 de novembro de 2013 – data em que se celebra o Dia do Radialista (ABERT, 2023).

Em sequência, a regulamentação foi formalizada por meio da Portaria nº 127, de 12 de março de 2014, também assinada por Paulo Bernardo. As primeiras autorizações de migração foram concedidas em agosto de 2014. Com a mudança na gestão ministerial, o então ministro André Figueiredo priorizou, em 2015, a definição dos valores para a migração, o que foi consolidado com a edição da Portaria nº 6.467, de 24 de novembro daquele ano (ABERT, 2023).

Posteriormente, em 23 de maio de 2017, o Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações publicou a Portaria nº 2.771, regulamentando a devolução dos canais de ondas médias à União. Finalmente, em 25 de janeiro de 2018, o Decreto nº 9.270/2018, assinado pelo então presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia, no exercício da Presidência da República, reabriu por 180 dias o prazo para que emissoras remanescentes solicitassem sua migração para a faixa FM (ABERT, 2023).

2.4 O RÁDIO COMO MÍDIA DE PRESENÇA E PROXIMIDADE

O rádio de proximidade concentra-se majoritariamente no território local, voltado ao atendimento das demandas informativas que envolvem dimensões geográficas, sociais e psicoafetivas da comunidade (Lima, 2023). Inserido na era multiplataforma, esse modelo tem passado por mudanças significativas em formato, linguagem e conteúdo, em um esforço para preservar sua relevância diante das constantes transformações tecnológicas. Por sua vez, Prata (2008) conceitua esse processo como “radiomorfose”, termo que expressa a capacidade do rádio de manter-se ativo e significativo, mesmo diante dos impactos da internet e das tecnologias digitais, por meio da adoção de uma linguagem adaptada aos novos suportes.

Ao lado da tradicional transmissão por ondas hertzianas, o chamado “rádio de antena” (Lopez, 2010) incorporou gradualmente recursos do ambiente digital, disponibilizando programação de forma simultânea em diferentes plataformas e dispositivos. Se, no final da década de 1990, a presença online das emissoras restringia-se ao dial convencional e a páginas institucionais, atualmente observa-se um movimento estratégico voltado à circulação multiplataforma, com o objetivo de atingir tanto os nativos digitais quanto públicos locais que se encontram fora da área de alcance do sinal hertziano, beneficiados pela transmissão via internet (Lima, 2023).

Apesar de sua longevidade e da concorrência de novas tecnologias, o rádio permanece no cotidiano contemporâneo, marcando presença nos lares, nos ambientes de trabalho, nos veículos e, cada vez mais, conectado a ecossistemas digitais, seja ao fornecer música, informação jornalística ou mesmo emoção durante transmissões esportivas. Mais do que a simples replicação do sinal, a apropriação de ferramentas multiplataforma e o uso de dispositivos móveis expandem as possibilidades de produção jornalística e tornam a interação com a audiência mais dinâmica e imediata. Nesse cenário, a disputa pela atenção de um público cada vez mais fragmentado demanda modelos de comunicação multimídia que ultrapassem o espaço da web, fortalecendo-se por meio da integração com redes sociais, aplicativos e outros recursos digitais, de forma a articular práticas tradicionais e contemporâneas na radiofonia (Lima, 2023).

Como destacam De Farias e Zuculoto (2017), o rádio sustenta uma presença simbólica constante, apoiada em uma linguagem marcada pela oralidade e pelo vínculo afetivo com os ouvintes. Sua natureza possibilita o consumo simultâneo a outras atividades, sem a necessidade de atenção visual exclusiva. Diferentemente da televisão ou da mídia impressa, acompanha o público de maneira fluida, prática e não intrusiva, integrando-se ao cotidiano de forma espontânea.

A relevância do rádio no cenário contemporâneo é reforçada por pesquisas recentes. Segundo o estudo Inside Audio 2024, realizado pela Kantar Ibope Media, 79% da população brasileira ainda ouve rádio, com uma média de quase quatro horas diárias de consumo do meio. Além disso, 38% dos ouvintes afirmam que a escuta online transformou seus hábitos, demonstrando a importância das plataformas digitais no reposicionamento do veículo. No contexto catarinense, a pesquisa “Meio Rádio 2024” (ACAERT) aponta

que oito em cada dez catarinenses mantêm o hábito de ouvir rádio regularmente, com média diária entre sete e oito horas de escuta por pessoa.

O consumo ocorre principalmente em casa e no trabalho, mas também é significativo no carro (40%) e no celular (20%), revelando a versatilidade do meio frente aos novos hábitos de mobilidade e conectividade. A mesma pesquisa evidencia a credibilidade do rádio: 64% dos ouvintes confiam nos comerciais veiculados, 65% consideram os locutores influenciadores e 63% apontam que as propagandas radiofônicas são mais confiáveis que as transmitidas pela internet. A diversificação dos formatos também impulsiona essa presença: músicas (69%), notícias (65%), podcasts (33%) e transmissões esportivas (40%, no caso dos homens) integram uma grade que se molda aos interesses variados da audiência. Assim, como se pode extrair dos resultados das pesquisas, o rádio mantém seu papel de mídia de proximidade simbólica e afetiva, adaptando-se às transformações digitais sem perder sua centralidade no cotidiano regional.

3 A RADIODIFUSÃO CATARINENSE: DO PIONEIRISMO À EXPANSÃO REGIONAL

A história da radiodifusão em Santa Catarina teve início em 1932, com a fundação da Rádio Clube de Blumenau, considerada a primeira emissora do estado e a quarta do país. Idealizada por João Medeiros Júnior, reconhecido como o patrono do rádio catarinense, com o apoio de empresários locais, a emissora realizou suas primeiras transmissões no dia 19 de março daquele ano, inicialmente por meio de alto-falantes, até conquistar licença oficial e o prefixo PRC-4, concedido pelo governo federal ainda durante a Era Vargas (ACAERT, 2022).

A Rádio Clube consolidou-se como referência regional em informação, cultura e integração social, sendo protagonista de importantes coberturas políticas, esportivas e internacionais. Desde 2001, permanece sob a administração da família Vieira, preservando sua relevância histórica e seu vínculo com a comunidade do Vale do Itajaí. O pioneirismo dessa emissora marca o início de uma trajetória sólida da radiodifusão catarinense, que ao longo do tempo se expandiu em diversidade, alcance e influência sociocultural (Acaert, 2022).

A experiência pioneira de Blumenau impulsionou a criação de emissoras em outras regiões do estado. Em 1938, por exemplo, o técnico Wolfgang Brosig fundou a primeira rádio de Joinville, que chegou a transmitir, de forma improvisada, um discurso do presidente Getúlio Vargas. Inicialmente operando a partir do sótão de sua casa e com transmissões em língua alemã, a emissora passou a ter programação contínua de seis horas diárias. Obteve outorga federal em 1940, tornando-se oficialmente a Rádio Difusora de Joinville, com programação informativa e campanhas de solidariedade comunitária (Medeiros, 1998).

Na capital, Florianópolis, o rádio chegou em 1942, com a criação da Rádio Guarujá, idealizada por Ivo Serrão. O nome foi inspirado na Rádio Atlântida, escutada a partir do bairro santista de mesmo nome. Com quadros como “oferecimento musical dos ouvintes”, “hora literária” e “hora da Ave Maria”, a emissora

conquistou rapidamente o público da cidade. Em 1946, foi adquirida pelo então governador Aderbal Ramos da Silva e, em 1949, transferida para o Clube Martinelli, passando a contar com auditório próprio e forte presença política, especialmente como aliada do PSD, durante o período democrático pós-1945 (Medeiros, 1998).

No mesmo contexto, surgiram concorrentes como a Rádio Diário da Manhã, alinhada à UDN, que passou a disputar a audiência na capital com uma linguagem mais jornalística e objetiva, antecipando formatos mais modernos nas décadas seguintes. A partir de 1954, surgiu a Rede Coligadas de Blumenau, um dos marcos da expansão radiofônica no interior catarinense. A rede reuniu seis emissoras, entre elas, a Rádio Araguaia de Brusque, a Clube de Itajaí e a Difusora de Blumenau sob coordenação da Rádio Clube. Apesar da orientação política pró-PSD da rede, prevaleceu o interesse comercial, com foco na venda de anúncios e no fortalecimento das marcas locais (Medeiros, 1998).

Desse modo, a trajetória da radiodifusão em Santa Catarina revela não apenas o pioneirismo de cidades como Blumenau, Joinville e Florianópolis, mas também a importância do rádio como meio de integração regional, difusão cultural e fortalecimento das identidades locais (Medeiros, 1998). Entre os municípios que expressam essa dinâmica, é possível citar a cidade de Brusque, cuja inserção no panorama radiofônico será explorada a seguir, considerando seu contexto histórico, econômico e cultural, bem como a atuação das emissoras locais.

3.1 O RÁDIO EM BRUSQUE: IDENTIDADE, ECONOMIA E RELEVÂNCIA COMUNITÁRIA

Situado no Vale do Itajaí, o município de Brusque foi fundado oficialmente em 1860 como Colônia Itajahy e teve sua formação marcada pela imigração alemã, que deixou um legado voltado ao trabalho, ao empreendedorismo e ao associativismo (Prefeitura Municipal de Brusque, 2025). Reconhecida como o berço da indústria têxtil catarinense, a cidade diversificou seu perfil econômico ao longo do tempo, alcançando indicadores expressivos de desenvolvimento humano e industrial (IBGE, 2025). Com população estimada em 152 mil habitantes, apresenta elevada taxa de urbanização e bons índices educacionais e de qualidade de vida, sustentando uma economia baseada nos setores têxtil, metalmeccânico, de confecção, cerâmico, de plásticos e de serviços (IBGE, 2025; Prefeitura Municipal de Brusque, 2025).

Conforme discutido no capítulo 2.4, o rádio de proximidade caracteriza-se pelo vínculo afetivo com o ouvinte e pelo atendimento das demandas informativas e de serviço de interesse local. Em Brusque, esse modelo encontra terreno fértil devido à forte identidade comunitária e à relevância dos meios de comunicação locais na mediação entre diferentes segmentos da sociedade.

Desde meados do século XX, quando a Rádio Araguaia foi fundada e, posteriormente, passou a integrar a Rede Coligadas de Blumenau, o município consolidou sua participação no cenário radiofônico regional (Medeiros, 1998; ACAERT, 2022). Atualmente, Brusque conta com quatro emissoras comerciais:

Araguaia, Cidade, Diplomata e Massa, cada uma com perfil editorial e público-alvo próprios. Essas rádios representam diferentes abordagens na produção e na difusão de conteúdo, transitando entre formatos mais tradicionais e estratégias adaptadas às demandas digitais. Este estudo, no entanto, volta-se exclusivamente às duas emissoras que passaram pelo processo de migração de AM para FM, movimento que sintetiza um conjunto de transformações técnicas, editoriais, identitárias e digitais ocorridas ao longo do tempo.

Ao reconstruir as trajetórias dessas emissoras e analisar os impactos da migração no ecossistema midiático local, busca-se compreender não somente as mudanças estruturais e de linguagem, mas também como elas se posicionam frente às exigências de um cenário comunicacional contemporâneo, multiplataforma e fragmentado. Essa análise considera, ainda, o papel que tais rádios desempenham na manutenção de vínculos afetivos e culturais com a comunidade, preservando a lógica da proximidade que caracteriza a história do rádio no Brasil (Lima, 2023; De Farias; Zuculoto, 2017).

4 METODOLOGIA

O presente estudo está inserido na perspectiva histórico-comunicacional e adota uma abordagem qualitativa. Segundo Soares (2019), esse tipo de pesquisa busca desenvolver conceitos, fatos, ideias ou opiniões, interpretando e compreendendo os dados de forma indutiva. Tem natureza exploratória, subjetiva e espontânea, utilizando métodos como observação direta, entrevistas, análise de textos, documentos e registros de comportamentos para compreender melhor os fenômenos estudados. Além disso, possui caráter descritivo, pois, conforme Gil (1999), tem como objetivo apresentar as características de um fenômeno ou estabelecer relações entre variáveis, sem manipular intencionalmente os fatores em análise. A pesquisa é delineada como estudo de caso, que, de acordo com Yin (2015), consiste em um método de investigação que analisa em profundidade um fenômeno contemporâneo em seu contexto real, reconhecendo que essa análise envolve condições contextuais relevantes. Essa escolha metodológica se justifica pela necessidade de entender a complexidade das mudanças técnicas, editoriais, identitárias e digitais relacionadas à migração de faixa na radiodifusão local, um fenômeno que vai além dos números e requer uma análise contextualizada das práticas midiáticas e de seus significados socioculturais.

Considerando a abordagem metodológica definida, o objeto de análise abrange duas emissoras comerciais de Brusque-SC: Rádio Araguaia e Rádio Cidade. No município, existem apenas quatro emissoras de rádio comerciais em operação, de modo que o estudo tem como foco exclusivo esse segmento, não contemplando rádios comunitárias ou educativas. Entre as quatro emissoras comerciais, apenas a Rádio Araguaia e a Rádio Cidade transmitiam originalmente em AM e vivenciaram a transição para FM, o que motivou sua escolha como unidades de análise. Ambas representam, historicamente, marcos relevantes na radiodifusão local e, ao mesmo tempo, enfrentam o desafio de adaptação a um cenário comunicacional multiplataforma.

No que diz respeito à coleta de dados, esta foi estruturada em três etapas: pesquisa documental, observação sistemática e entrevistas semiestruturadas. Segundo Gil (2002), a pesquisa documental apresenta vantagens relevantes por constituir uma “fonte rica e estável de dados”, implicando baixo custo, não exigindo contato direto com os sujeitos da pesquisa e permitindo uma leitura aprofundada das fontes. Embora guarde semelhanças com a pesquisa bibliográfica, distingue-se desta pela natureza do material utilizado, que ainda não recebeu tratamento analítico ou que pode ser reelaborado de acordo com os objetivos da investigação. Neste estudo, essa etapa envolveu a análise de registros institucionais, reportagens, documentos técnicos e publicações relacionadas à trajetória histórica e às características editoriais e tecnológicas das emissoras selecionadas. Para isso, foram consultados portais institucionais das rádios, normativas sobre a política de migração do AM para FM e bases públicas de órgãos e entidades do setor, como a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT) e a Associação Catarinense de Emissoras de Rádio e Televisão (ACAERT).

A observação sistemática, conforme destacado por Prodanov e Freitas (2013), caracteriza-se pelo acompanhamento intencional e planejado de fenômenos, com registro criterioso das ocorrências observadas, a partir de um roteiro previamente definido. Neste estudo, a técnica foi aplicada por meio de escuta ativa da programação tradicional das emissoras e monitoramento contínuo de suas plataformas digitais, como sites institucionais e redes sociais. Essa estratégia possibilitou identificar e registrar práticas de adaptação editorial e de presença online, bem como compreender como as rádios estruturam seus conteúdos e interações em um cenário comunicacional multiplataforma. Os registros obtidos foram sistematicamente organizados, permitindo comparações entre as emissoras e análise de tendências nas suas estratégias de comunicação.

Quanto às entrevistas semiestruturadas, estas foram aplicadas a gestores das emissoras com o propósito de ampliar a compreensão sobre as rádios analisadas. Segundo Duarte e Barros (2006), esse formato de entrevista desenvolve-se de maneira flexível, permitindo que o entrevistador aprofunde pontos relevantes identificados ao longo da conversa, enquanto o entrevistado tem liberdade para formular suas respostas de acordo com sua própria perspectiva. As entrevistas foram realizadas em março de 2021 com os gestores das duas rádios selecionadas, conforme o roteiro disponível no Apêndice, abordando aspectos históricos, técnicos, editoriais e digitais, a fim de registrar percepções durante a fase de transição do AM para o FM.

A condução seguiu tópicos previamente definidos, preservando a flexibilidade para explorar questões emergentes, e o registro foi realizado por meio de anotações detalhadas. Todos os participantes autorizaram o uso das informações, garantindo o anonimato e o cumprimento dos princípios éticos da pesquisa científica. Optou-se por não realizar novas entrevistas em 2025, considerando que as análises atuais se baseiam em fontes documentais e observacionais atualizadas, representativas do cenário pós-migração.

Nesse contexto, as entrevistas de 2021 desempenham o papel de base comparativa, permitindo identificar diferenças e continuidades entre o período de transição e a configuração contemporânea das emissoras.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A combinação entre entrevistas, análise documental e observação sistemática possibilitou uma compreensão ampla e aprofundada do fenômeno, permitindo reconstruir as trajetórias das rádios, analisar os impactos da migração no ecossistema midiático local e avaliar a capacidade de adaptação das emissoras em um ambiente comunicacional cada vez mais fragmentado, mas ainda marcado pela lógica da proximidade e pelo vínculo comunitário. As informações obtidas pelos métodos de pesquisa aplicados encontram-se organizadas nos tópicos seguintes.

5.1 FUNDAÇÃO E INSTALAÇÃO DAS EMISSORAS

A Rádio Araguaia foi a primeira emissora de rádio fundada em Brusque e a sétima a entrar em operação no estado de Santa Catarina. Foi inaugurada em 6 de setembro de 1946, estreando oficialmente no dia seguinte, com a transmissão ao vivo do tradicional desfile cívico de 7 de setembro, realizado na Avenida Cônsul Carlos Renaux, no centro da cidade. Inicialmente operando em AM 970 kHz, instalou seus estúdios no centro de Brusque, em espaço cedido por um dos fundadores. O funcionamento definitivo foi autorizado em 29 de julho de 1950, quando a emissora recebeu licença oficial, uma vez que, até então, estava registrada na Junta Comercial do Estado.

A Rádio Cidade iniciou suas transmissões em 2 de novembro de 1982, operando em AM 850 kHz. Foi a segunda emissora a se instalar no município de Brusque, após a Rádio Araguaia. Nos anos iniciais, a emissora enfrentou dificuldades, como a enchente de 1984, que danificou seu transmissor e a deixou fora do ar por meses, exigindo esforços técnicos e trâmites junto ao Ministério das Comunicações para retomar a operação. Ainda na década de 1980, destacou-se por participar ativamente da história do voto eletrônico no Brasil, ao cobrir a apuração eleitoral.

Na época de suas fundações, as duas emissoras refletiam contextos históricos e objetivos distintos. A Rádio Araguaia nasceu como pioneira e instrumento de integração social, com foco na informação local e na preservação cultural. Já a Rádio Cidade surgiu em um ambiente de rádio comercial consolidado, priorizando formatos de entretenimento para conquistar audiência. Essas diferenças iniciais evidenciam como o momento histórico influenciou a vocação editorial de cada emissora.

5.2 LINHA EDITORIAL INICIAL E EVOLUÇÃO

Desde a sua fundação, a Rádio Araguaia estruturou sua linha editorial com base no jornalismo de proximidade, privilegiando a cobertura de fatos locais e regionais e a valorização da música tradicionalista.

Essa combinação visava reforçar a identidade cultural e estreitar o vínculo com a comunidade, atendendo tanto ao público urbano quanto ao rural. A programação era intercalada por quadros de prestação de serviços, como avisos comunitários, boletins sobre o tempo e orientações em casos de enchentes. Ao longo das décadas, o jornalismo manteve-se como núcleo central, mas se adaptou a novas linguagens e plataformas, incorporando boletins mais dinâmicos e entrevistas mediadas por canais digitais. A emissora confere destaque à transmissão ao vivo de jogos de futebol, especialmente de clubes catarinenses, com coberturas completas de campeonatos regionais e torneios amadores. No campo cívico, tornou-se presença constante em desfiles, solenidades e festividades municipais, reforçando o vínculo simbólico com a identidade local.

Já a Rádio Cidade era voltada inicialmente para o entretenimento popular, com programas musicais, sorteios e atrações interativas, sendo o “Música da Gente” um de seus primeiros quadros, o qual permanece no ar até hoje. Ao longo do tempo, porém, a emissora passou por mudanças administrativas e, a partir de 1999, sob nova gestão, iniciou um processo de reorientação editorial, que consolidou seu foco jornalístico e de utilidade pública, mantendo forte inserção comunitária. A emissora passou a dedicar boa parte de sua programação a programas informativos, entrevistas e debates, mantendo a música como elemento de apoio, e não mais como eixo central. Essa mudança também dialoga com o pioneirismo no webjornalismo local, iniciado em 2007, que ampliou a relevância da emissora como fonte de informação em tempo real.

Embora tenham seguido trajetórias distintas, ambas as emissoras convergem para um modelo informativo-comunitário, no qual o conteúdo jornalístico e a prestação de serviços assumem protagonismo. A Rádio Araguaia preserva um equilíbrio entre informação, esporte e valorização cultural, enquanto a Rádio Cidade intensifica a cobertura factual e o jornalismo opinativo. Em situações críticas, como enchentes e outros eventos climáticos extremos que historicamente afetam Brusque e região, nota-se que ambas as emissoras reorganizam integralmente sua programação, priorizando boletins de utilidade pública, entrevistas com autoridades e informações de segurança.

5.3 OPERAÇÃO EM AM E MOTIVAÇÕES PARA A MIGRAÇÃO

Durante a operação na faixa de ondas médias, cada emissora apresentou especificidades técnicas e editoriais que marcaram sua atuação por décadas. A Rádio Araguaia transmitia em AM 970 kHz. Nessa frequência, usufruía de uma boa propagação noturna do sinal, que permitia alcançar localidades mais distantes, ampliando a abrangência regional. Entretanto, a frequência estava sujeita a ruídos, interferências e instabilidades, problemas agravados em áreas urbanas com alta densidade eletromagnética. Já a Rádio Cidade, operando em AM 850 kHz, destacava-se por uma forte cobertura urbana e rural, garantindo presença tanto no centro de Brusque quanto em localidades periféricas e zonas rurais do município. À noite, contudo, o sinal sofria perda de qualidade, afetando a nitidez e a estabilidade das transmissões.

Nesse sentido, para ambas as rádios, a decisão por aderir ao processo de migração de AM para FM

foi pautada por um conjunto de fatores técnicos, econômicos e simbólicos identificados pelos gestores e informados durante as entrevistas realizadas em 2021. Entre as motivações técnicas, foram mencionadas as melhorias substanciais prometidas na qualidade sonora, com significativa redução de ruídos e interferências, bem como a maior compatibilidade com dispositivos contemporâneos, como smartphones, rádios automotivos digitais e caixas de som portáteis. Esse avanço visava melhorar a experiência do ouvinte e também adequar as emissoras aos novos padrões de consumo de mídia.

Outra motivação destacada pelos gestores foi de ordem econômica, pois a transmissão em FM proporciona um som mais limpo e atrativo, aspecto considerado mais relevante para os anunciantes. Essa característica ampliaria o potencial de retorno comercial e permitiria a adoção de novos formatos publicitários, como spots com qualidade sonora superior e inserções integradas a múltiplas plataformas. Houve também um aspecto simbólico relevante, pois a mudança representava a oportunidade de reposicionar a marca como moderna e alinhada às transformações tecnológicas, sem romper com os vínculos históricos e comunitários construídos ao longo da trajetória em AM.

5.4 DESAFIOS E INVESTIMENTOS NA TRANSIÇÃO

O processo de migração da faixa AM para FM implicou desafios técnicos, financeiros e operacionais significativos para ambas as emissoras de Brusque, exigindo planejamento rigoroso e capacidade de adaptação para garantir a continuidade das transmissões. Segundo os gestores entrevistados, as mudanças envolveram não apenas a substituição de equipamentos, mas também uma reorganização das rotinas de trabalho e da infraestrutura física das rádios.

A Rádio Araguaia investiu na modernização dos transmissores, substituindo modelos analógicos antigos por equipamentos digitais capazes de operar na nova frequência com maior estabilidade e eficiência energética. Também foi necessário realizar a atualização das torres e dos sistemas irradiantes, adequando-os às especificações técnicas exigidas para o FM. Nos estúdios, ocorreu a renovação de mesas de som e a implementação de sistemas de automação de programação, permitindo maior precisão no controle das grades e integração com plataformas digitais. Esses investimentos visavam não apenas atender às exigências da migração, mas também melhorar o desempenho geral da emissora e oferecer ao ouvinte uma experiência sonora mais “limpa”.

A Rádio Cidade também direcionou esforços para a atualização de transmissores e a remodelação completa de seus estúdios. O projeto incluiu isolamento acústico adequado ao padrão FM e iluminação adaptada para transmissões em vídeo, atendendo à demanda crescente por conteúdo multiplataforma e transmissões ao vivo no Facebook e YouTube. Foram adquiridos softwares de edição e streaming que possibilitaram a integração entre rádio e vídeo e a produção de conteúdos para diferentes canais de distribuição. Essa estratégia representava a busca da empresa pelo fortalecimento da presença digital como

diferencial competitivo.

De acordo com os gestores, apesar das especificidades de cada projeto, ambas as rádios tiveram que implementar sistemas STL digitais (Studio-Transmitter Link), que garantem a transmissão do áudio do estúdio até a torre com qualidade e baixa latência. O processo demandou planejamento financeiro rigoroso, uma vez que os custos eram elevados e precisavam ser absorvidos sem comprometer a operação diária. Outro desafio crítico foi manter as transmissões no ar durante as obras, exigindo cronogramas cuidadosamente elaborados e, em alguns casos, operação provisória com equipamentos alternativos para evitar interrupções na programação.

Verificou-se também que, enquanto a Rádio Araguaia concentrou esforços na atualização técnica de sua cadeia de transmissão e na automação interna, a Rádio Cidade investiu mais fortemente na convergência entre rádio e vídeo, adaptando seus estúdios para transmissões multiplataforma. Para além disso, independentemente da emissora, o que se percebe é que os investimentos necessários à migração AM-FM não se limitaram à troca de frequência, pois envolvem também um processo abrangente de modernização tecnológica e reposicionamento estratégico.

5.5 MARCO DA MIGRAÇÃO

A Rádio Araguaia efetivou sua migração para o FM 104,5 MHz em 6 de setembro de 2022, data em que também comemorou seus 76 anos de operação (Tudoradio, 2022). Originada na frequência AM 970 kHz, e tendo ocupado, ao longo da trajetória, outros canais como 1580 AM e 590 AM, a emissora passou a operar como classe B1 de transmissão, alcançando diversos municípios do Vale do Itajaí, incluindo Gaspar, Itajaí e Navegantes. (Tudoradio, 2022). A mudança resultou em maior abrangência regional e clareza do áudio, fortalecendo sua cobertura jornalística e esportiva e preservando o vínculo comunitário que marca sua história.

Após 40 anos de operação em ondas médias, a Rádio Cidade concluiu a transição para o FM em 3 de outubro de 2022, passando a transmitir em 92,3 MHz. A mudança permitiu ampliar o alcance em áreas urbanas, reduzindo as zonas de sombra e melhorando a recepção dentro de edificações. Depois da migração, o que se pode observar ao acompanhar a emissora em seu dial e por meio das redes sociais, é que ela manteve seu público tradicional, fortemente vinculado ao jornalismo local e à prestação de serviços, mas também passou a alcançar novos ouvintes atraídos pela qualidade sonora superior e pela possibilidade de acessar o conteúdo via streaming e redes sociais.

Apesar dos avanços técnicos, os gestores de ambas as rádios ressaltaram que a melhoria de infraestrutura, por si só, não garante impacto duradouro na audiência. Segundo eles, os ganhos de recepção precisam estar acompanhados de inovação editorial e integração multiplataforma, de modo a manter a relevância das rádios em um cenário de alta concorrência com mídias digitais e serviços de streaming. Dessa

forma, a migração é percebida não como um ponto final, mas como um marco inicial para novas estratégias de aproximação com o ouvinte.

5.6 MODERNIZAÇÃO NA MIGRAÇÃO PARA O FM

Na Rádio Araguaia, a renovação da marca incluiu ajustes significativos na identidade sonora, com vinhetas e chamadas mais ágeis e adequadas à sintonia FM. Apesar da modernização estética, a emissora manteve o tripé editorial que a caracteriza: jornalismo local, cobertura esportiva e valorização da música regionalista. Intensificou-se também a expansão digital, com transmissão online e ampliação dos canais de interação direta com os ouvintes, por meio de aplicativos de mensagem como o WhatsApp. O estúdio foi reformado, recebendo novo tratamento acústico com painéis específicos para controle de reverberação e isolamento sonoro, aprimorando a qualidade das transmissões.

A Rádio Cidade manteve quadros e programas tradicionais, como o “Música da Gente”, mas incorporou novos formatos mais dinâmicos, como o “Conexão 92” e o “Estação 92”, voltados à aproximação da audiência, por meio de entrevistas, debates e prestação de serviços em tempo real. A emissora intensificou o uso de transmissões em vídeo via Facebook e YouTube, adequando-se às lógicas da convergência midiática, e modernizou recursos visuais e sonoros para manter um apelo contemporâneo sem perder sua identidade consolidada no jornalismo de proximidade.

Observou-se que as duas emissoras buscaram equilibrar tradição e inovação, preservando vínculos comunitários, mas sem perder de vista o apelo tecnológico cada vez mais evidente na sociedade contemporânea. Esse fato vai ao encontro da constatação de Kischinhevsky (2016), para quem o rádio possui a capacidade de se reinventar sem romper com seu público histórico. Além disso, nas duas emissoras, a reconfiguração editorial e identitária não se limitou a ajustes estéticos, mas refletiu estratégias conscientes para manter relevância e competitividade no vigente cenário multiplataforma.

5.7 ESTRATÉGIAS DE ENGAJAMENTO E PRESENÇA DIGITAL

A Rádio Araguaia ampliou sua presença digital com transmissões simultâneas via streaming e produção de vídeos curtos e conteúdos multimídia para redes sociais, especialmente Facebook e Instagram. Nesta última, publica conteúdos visuais que mesclam notícias, campanhas institucionais, registros de eventos comunitários e sorteios, estimulando o engajamento e alcançando públicos mais jovens habituados ao consumo ágil de informações. Além disso, utiliza aplicativos de mensagens para interação direta com a audiência, mantendo a proximidade construída ao longo de sua trajetória.

A Rádio Cidade, por sua vez, expandiu de forma expressiva seu alcance ao investir em transmissões audiovisuais no Facebook e no YouTube, complementando a programação tradicional. Um de seus diferenciais é o portal de notícias, que registra entre 1,5 e 2 milhões de visualizações mensais, impulsionado

pela cobertura de pautas de segurança pública, tema de alto interesse para a audiência local e regional. No Instagram, mantém atualizações frequentes com chamadas de notícias, bastidores da programação e conteúdos interativos, incluindo sorteios que geram grande engajamento e ampliam o alcance das publicações. A emissora também fortalece sua proximidade com o público por meio do WhatsApp, canal que permite o envio de mensagens, áudios e demandas da comunidade.

A transição para o FM coincidiu com o fortalecimento da atuação digital de ambas as emissoras, confirmando sua adaptação à lógica da convergência midiática descrita por Jenkins (2009). A Rádio Cidade consolidou-se como referência no jornalismo digital regional, enquanto a Rádio Araguaia diversificou formatos e integrou suas plataformas, consolidando-se como agente multiplataforma sem perder vínculos com sua audiência tradicional. Esse movimento confirma tendências apontadas por Lopez (2010) e Kischinhevsky (2016), segundo as quais o rádio local reforça sua função social ao adaptar-se à demanda por conteúdo de interesse imediato, investindo em formatos participativos e interação constante com a audiência, potencializada por redes sociais e aplicativos de mensagens.

5.8 LIÇÕES ESTRATÉGICAS DA MIGRAÇÃO DO AM PARA O FM EM BRUSQUE

A partir da experiência da migração do AM para o FM nas emissoras de Brusque, é possível extrair um conjunto de aprendizados relevantes para outras rádios que venham a enfrentar processos semelhantes. Nesse sentido, percebeu-se que a definição prévia de um orçamento e a busca por alternativas de financiamento foram fundamentais para viabilizar os investimentos necessários em equipamentos, infraestrutura e adequações técnicas. A elaboração de um cronograma realista, por sua vez, com a devida previsão de contingências, minimizou riscos e evitou a interrupção das transmissões. A adoção de melhorias em etapas, como a atualização de transmissores, mesas de som, sistemas irradiantes e softwares de automação, possibilitou a adaptação tecnológica sem comprometer a operação diária. Esse processo gradual também permitiu que as equipes se familiarizassem com os novos recursos. Ambas as emissoras compreenderam que a migração não deveria romper com a identidade construída ao longo de décadas. A manutenção de programas tradicionais, vozes conhecidas e a cobertura de pautas locais assegurou a continuidade da relação de confiança com a audiência.

A presença ativa nas redes sociais, a oferta de transmissões online e a adoção de formatos audiovisuais consolidaram o papel das rádios como agentes multiplataforma. A utilização de canais como Instagram, Facebook, YouTube e WhatsApp tornou-se essencial para dialogar com diferentes perfis de público e ampliar a abrangência da programação. Informar a audiência sobre cada etapa da migração, explicar os benefícios técnicos e orientar sobre a nova sintonia foram estratégias determinantes para evitar a perda de ouvintes. Essa comunicação direta, reforçada por campanhas nas próprias rádios e nas redes sociais, também gerou engajamento e sentimento de pertencimento. Essas lições indicam que o êxito da

migração não se limita à mudança de frequência, mas depende de um conjunto de decisões estratégicas que conciliem planejamento, modernização, preservação de identidade e integração às novas lógicas de consumo midiático.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha do ano de 2021 como ponto de partida analítico desta pesquisa permitiu registrar o momento em que as rádios Araguaia e Cidade se preparavam para operar na nova faixa. Entre os anos de 2021 e 2023, consolidou-se uma fase decisiva de transição e reinvenção, em que ambas as emissoras passaram a adotar padrões técnicos semelhantes, especialmente em termos de qualidade de áudio, infraestrutura de transmissão e uso de recursos digitais, acompanhados de estratégias de comunicação mais alinhadas, refletindo a padronização trazida pelo novo modelo de operação.

A passagem da faixa AM para FM revelou um processo mais amplo de reconfiguração técnica, editorial e estratégica na radiodifusão regional. Nesse percurso, a incorporação gradual de recursos de convergência, como transmissões audiovisuais, presença ativa em redes sociais, produção de conteúdo sob demanda e uso de aplicativos móveis, evidenciou que o rádio local não apenas resiste às transformações digitais, mas também encontra nelas oportunidades de expansão, visibilidade e reinvenção de sua linguagem. Mesmo diante de desafios como a fidelização de audiências e a sustentabilidade financeira, as emissoras demonstraram capacidade de inovação e reposicionamento simbólico no ambiente midiático contemporâneo. Em 2025, após observar todo o processo de migração e as principais transformações dos últimos anos, reafirma-se a capacidade do rádio de se adaptar continuamente às novas tecnologias. As duas emissoras modernizaram seus modelos operacionais preservando a tradição, de modo que, mesmo com as mudanças técnicas decorrentes da migração do AM para o FM, mantiveram sua identidade institucional e o vínculo histórico com a comunidade.

Mais do que relatar a mudança de faixa, este estudo buscou compreender como o rádio brusquense vem ressignificando sua função social em um contexto marcado pela multiplicidade de canais de escuta e pela lógica da convergência midiática. Os resultados indicam que a transição do AM para o FM não configurou uma ruptura, mas, sim, um movimento estratégico e contínuo de modernização. As emissoras reafirmaram seu papel como mediadoras de proximidade, pertencimento e identidade regional, atributos que seguem centrais para a relevância do rádio em contextos locais.

Como desdobramento para pesquisas futuras, propõe-se investigar os efeitos da migração sob a ótica da audiência: de que forma os ouvintes tradicionais do AM reagiram à mudança e como o público habitual do FM tem percebido as emissoras migradas? Essa abordagem poderá aprofundar a compreensão das dinâmicas de recepção e das práticas de escuta diante das recentes transformações no rádio brasileiro.

REFERÊNCIAS

ABERT – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMISSORAS DE RÁDIO E TELEVISÃO. Histórico da migração do rádio AM para FM. Brasília: ABERT, [s.d.]. Disponível em: <https://www.abert.org.br/site/migracao>. Acesso em: 6 ago. 2025.

ABERT – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMISSORAS DE RÁDIO E TELEVISÃO. Inside Audio 2023: estudo da Kantar IBOPE Media sobre o rádio no Brasil. Brasília: ABERT, 2023. Disponível em: <https://www.abert.org.br/site/imprensa/noticias/80-da-populacao-ouve-radio-no-brasil-aponta-inside-audio-2023>. Acesso em: 17 jul. 2025.

ACAERT – ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE EMISSORAS DE RÁDIO E TELEVISÃO. A força do meio rádio em Santa Catarina 2024: pesquisa IRP Rádios. Florianópolis: ACAERT, 2024.

ACAERT – ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE EMISSORAS DE RÁDIO E TELEVISÃO. Cem anos do rádio no Brasil: das emissoras pioneiras até a era de ouro. Florianópolis: ACAERT, 2022. Disponível em: <https://www.acaert.com.br/noticia/46067/cem-anos-do-radio-no-brasil-das-emissoras-pioneiras-ate-a-era-de-ouro>. Acesso em: 11 ago. 2025.

ACAERT – ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE EMISSORAS DE RÁDIO E TELEVISÃO. Relatório técnico sobre a migração AM-FM em Santa Catarina. Florianópolis: ACAERT, 2023.

BONIXE, L. Rádio e territorialidade diaspórica. In: FERREIRA, G.; OLIVEIRA, L. M. S. M.; BONIXE, L. (org.). Rádio e novas mídias: práticas e reflexões. São Paulo: Intercom, 2019. p. 15-28.

BRASIL. Decreto nº 8.139, de 7 de novembro de 2013. Dispõe sobre a migração das emissoras de radiodifusão sonora em amplitude modulada (AM) para frequência modulada (FM). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 8 nov. 2013. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/decreto/D8139.htm. Acesso em: 17 jul. 2025.

CÂMARA MUNICIPAL DE BRUSQUE. Rádio Cidade é homenageada por seus 40 anos de fundação. Brusque, 2022. Disponível em: <https://www.camarabrusque.sc.gov.br/imprensa/noticias/0/54/0/5292>. Acesso em: 11 ago. 2025.

DE FARIAS, K. W.; ZUCULOTO, V. R. M. Ondas de mudança no rádio: do surgimento à migração do AM para FM. Revista Rádio-Leituras, Mariana, v. 8, n. 2, p. 138-159, jul./dez. 2017.

DUARTE, J.; BARROS, A. (org.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

FARIAS, L. A.; ZUCULOTO, V. R. M. Rádio: linguagem e identidade. Florianópolis: Insular, 2017.

FERRARETO, L. A. Possibilidades de convergência tecnológica: pistas para a compreensão do rádio e das formas do seu uso no século 21. 2007.

FERRARETO, L. A. Rádio: teoria e prática. São Paulo: Summus, 2014.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades@ – Brusque. 2025. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/brusque/panorama>. Acesso em: 11 ago. 2025.

JENKINS, H. Cultura da convergência. Tradução de Susana Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2008.

KISCHINHEVSKY, M. O rádio sem onda: convergência digital e novos desafios na radiofusão. Rio de Janeiro: E-Papers, 2007.

KISCHINHEVSKY, M. Rádio expandido: as transformações do meio no contexto da convergência. Revista Famecos, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 1-14, jan./abr. 2016.

KISCHINHEVSKY, M.; LOPES, M. D. Rádio digital e convergência: reconfigurações de um velho novo meio. In: RODRIGUES, S. P. S.; FAUSTO NETO, A. (org.). Rádio e mídias digitais: trajetórias e tendências. São Paulo: Intercom, 2014. p. 19-36.

LIMA, H. S. S. A proximidade além do território: a configuração do radiojornalismo sul-mato-grossense num cenário de multiplataformas. 2023. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023.

LIMA, H. S. S. Rádio de proximidade na era multiplataforma: presença digital e prática analógica no interior do Brasil. Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 189-203, set./dez. 2023. DOI: 10.55738/alaic.v22i44.1040.

LOPEZ, D. C. Marcos tecnológicos do radiojornalismo no Brasil: uma revisão histórica. In: KLÖCKNER, L.; PRATA, N. (org.). A história da mídia sonora: experiências, memórias e afetos de norte a sul do Brasil. Porto Alegre: Edipucrs, 2009.

MAGNONI, A. F.; MIRANDA, G. V. Perspectivas e desafios para o rádio na era digital. Orbis: Revista Científica Ciências Humanas, v. 8, n. 21, p. 82-96, 2012.

MEDEIROS, R. Dramas no rádio. Florianópolis: Insular, 1998.

MEDEIROS, R. História da radiodifusão em Santa Catarina. Florianópolis: Edição do autor, 1998.

MILANEZ, L. (ed.). Rádio MEC: herança de um sonho. Rio de Janeiro: ACERP, 2007.

O MUNICÍPIO. Nos 100 anos do rádio no Brasil, radialistas relembram início em Brusque. Brusque, 14 out. 2022. Disponível em: <https://omunicipio.com.br/nos-100-anos-do-radio-no-brasil-radialistas-relembram-inicio-em-brusque/>. Acesso em: 24 jul. 2025.

ORTRIWANO, G. S. Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de história. Revista USP, São Paulo, n. 56, p. 66-85, dez./fev. 2002-2003.

PRATA, N. Webrádio: novos gêneros, novas formas de interação. 2008. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BRUSQUE. Dados socioeconômicos de Brusque-SC. Brusque: Prefeitura Municipal, 2025. Disponível em: <https://brusque.atende.net/transparencia/>. Acesso em: 17 jul. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BRUSQUE. História de Brusque. Brusque: Prefeitura Municipal, 2025. Disponível em: <https://brusque.atende.net/cidadao/pagina/historia>. Acesso em: 11 ago. 2025.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RÁDIO CIDADE. Desligamento do AM e migração para FM. Brusque, 2022. Disponível em: https://rc.fm.br/web/page_noticia/id_928761/. Acesso em: 11 ago. 2025.

RISO, A. Rádio é ouvido por 79% da população brasileira, aponta Kantar Ibope Media. Clube Oportunidades, Rede Globo, 29 nov. 2024. Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/pi/redeclube/clube-oportunidades/noticia/radio-e-ouvido-por-79percent-da-populacao-brasileira-aponta-kantar-ibope-media.ghtml>. Acesso em: 27 jul. 2025.

SOARES, S. J. Pesquisa científica: uma abordagem sobre o método qualitativo. Revista Ciranda, Montes Claros, v. 1, n. 3, p. 168-180, jan./dez. 2019.

TUDORADIO. Rádio Araguaia completa 76 anos e efetiva migração AM–FM no Vale do Itajaí. 2022. Disponível em: <https://tudoradio.com/noticias/ver/28005>. Acesso em: 28 jul. 2025.

YIN, R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

YIN, R. K. Pesquisa qualitativa: do início ao fim. Porto Alegre: Penso, 2016.

ZUCULOTO, V. R. M. A história do rádio público no Brasil: um resgate pela linha do tempo. Portal do Rádio – UFBA, [s.d.]. Disponível em: <https://blog.ufba.br/portaldoradio/linha-do-tempo/>. Acesso em: 28 jul. 2025.

APÊNDICE - ROTEIRO DE ENTREVISTA REALIZADA EM 2021 COM GESTORES DAS EMISSORAS PESQUISADAS

CONTEXTUALIZAÇÃO

Este roteiro foi utilizado para a realização de entrevistas semiestruturadas, de caráter exploratório, conduzidas no ano de 2021, com gestores das rádios Araguaia e Cidade. As perguntas foram elaboradas com o objetivo de compreender aspectos históricos, técnicos, editoriais e digitais das emissoras, bem como as percepções sobre o processo de migração da Amplitude Modulada (AM) para a Frequência Modulada (FM). As respostas obtidas contribuíram para a análise qualitativa do estudo, complementando as informações provenientes de pesquisas documentais e observacionais.

1. Trajetória e contexto histórico

- 1.1 Como foi o processo de fundação da rádio e quais foram os principais marcos ao longo de sua história?
- 1.2 Quais elementos culturais e comunitários foram determinantes para consolidar a identidade da emissora ao longo das décadas?

2. Linha editorial e evolução

- 2.1 Como era a linha editorial da emissora nos primeiros anos de funcionamento?
- 2.2 Quais fatores motivaram mudanças na programação e no conteúdo editorial ao longo do tempo?
- 2.3 Como a rádio equilibra tradição e inovação em sua grade?

3. Papel comunitário

- 3.1 De que forma a emissora se envolve com eventos cívicos, esportivos e comunitários?
- 3.2 Como a emissora atua em momentos de crise, como enchentes ou outros desastres?

4. Operação em AM e migração para FM

- 4.1 Quais fatores pesaram mais na decisão de migrar para o FM?
- 4.2 Como foi o processo de adaptação técnica para a nova frequência?